

ESTILOS DE PENSAMENTO: UMA NOVA FERRAMENTA PARA O PROFESSOR?**Frederico Gonçalves Guimarães**

Programa de Pós-graduação em Educação – UFMG – fred@coltec.ufmg.br

Oto Borges

Colégio Técnico e Programa de Pós-graduação em Educação – UFMG

oto@coltec.ufmg.br

Resumo

Nosso ambiente educacional está valorizando, na atualidade, a diversidade e a pluralidade. A idéia de reconhecer-se os diferentes “estilos de aprendizagem” tem sido recorrentemente apresentada nos escritos sobre currículos. A tradição psicométrica distingue, desde a década de 50, estilos de habilidades. Se podemos admitir a existência de estilos de aprendizagem, e entendemos estilos como formas características e regulares de ação do sujeito, é natural aceitarmos a sua existência em domínios mais amplos. Este trabalho é uma primeira tentativa de adaptar a teoria de estilos de pensamento, de Sternberg (1998), para uso nas escolas brasileiras. A idéia é entendermos porque alguns professores do ensino superior afirmam ser fácil de se reconhecer, em sala de aula, os alunos que estudaram durante o ensino médio no Colégio Técnico da UFMG (COLTEC) ou no CEFET-MG. Eles possuem, na palavra desses professores, “estilos” próprios e distintos entre si e dos demais alunos. Por outro lado, a cultura dessas duas escolas trata como um senso comum a existência desses estilos. Alguns curriculistas sugerem a expressão “currículo oculto” (Eisner, 1996) para explicar e entender essas características peculiares dos alunos de certas escolas. Uma outra hipótese, que nos pareceu atraente pela simplicidade, foi apresentada por Sternberg: toda escola tende a selecionar determinados estilos de pensamento. A aderência de Sternberg à concepção de estilos enquanto uma preferência, ou ainda, forma razoavelmente estável e coerente de tomar aquelas decisões menos impregnadas de intenções racionais, se por um lado deixa-nos com uma teoria mais sensível ao contexto e às circunstâncias, por outro lado consegue lidar de forma simples e pragmática com a diversidade de comportamentos que observamos em nossos alunos. Sabemos, também, que alguns professores conseguem avaliar os estilos dos seus alunos, após algumas semanas ou meses de convivência com eles. Um teste escrito sobre os estilos de pensamento poderia ser capaz de facilitar ou agilizar essa avaliação. Neste trabalho revemos de forma breve a teoria de estilos de pensamentos e as dificuldades que tivemos em tentar adaptar o teste desenvolvido por Sternberg para uso em nossa escola. O teste proposto por Sternberg é composto de treze agrupamentos de oito afirmativas que expressam a auto-percepção das próprias formas de agir. A cada uma delas o respondente deve atribuir um peso, em uma escala de um a sete. O teste foi traduzido e testado em duas turmas, bem distintas entre si, em comportamento e performance, do Colégio Técnico. A análise dos dados indicou que não é possível discriminar pelo teste as duas turmas. Mais do que invalidar o teste, esse resultado alerta para a necessidade de alguma adaptação em suas questões, para superar dificuldades de compreensão, observadas ao notarmos que alguns respondentes atribuíram pesos iguais para algumas afirmativas antagônicas e mutuamente excludentes.

Referências Bibliográficas

- EISNER, E.W. *Curriculum ideologies*. p.302-326. In: JACKSON, P.W. (ED.) **Handbook of Research on Curriculum**. New York: Macmillan, 1996.
- STERNBERG, R.J. **Thinking Styles**. Cambridge University, Cambridge. 180 p. 1998.